Percursos da Comunicação Ribeirinha na Cidade: uma análise da presença midiática na Ilha do Combu em Belém (PA)[1]

Will Montenegro TEIXEIRA[2]
Fabrício Borges SANTA BRÍGIDA[3]
Neusa Gonzaga de Santana PRESSLER[4]
Universidade da Amazônia – Unama, Belém, PA

Resumo: Este artigo tem o objetivo de discutir a presença midiática eletrônica e digital na ilha do Combu, em Belém (PA), a partir das relações sociais e comunicacionais estabelecidas entre a parte continental e insular da capital paraense. Para isso, foi realizada a pesquisa bibliográfica no embasamento teórico de Amazônia, populações tradicionais, mídia e convergência e a pesquisa exploratória com o registro de imagens da utilização das mídias. O resultado deste estudo revela que o contato do rural com o centro urbano de Belém é um fator que merece ser destacado, já que o ir e o vir de pessoas entre a cidade e as ilhas são frequentes, além do acesso às mídias eletrônicas e digitais ser um elemento presente e constante na vida contemporânea dos ribeirinhos.

Palavras-chaves: Mídia, Ribeirinho, Combu

[1]Trabalho apresentado no GP Comunicação e Desenvolvimento Regional e Local do XVII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

[2]Doutorando em Comunicação, Linguagens e Cultura pela Universidade da Amazônia (Unama). Mestre em Ciências Sociais - área de concentração em Sociologia - pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Especialista em Artes Visuais: Cultura e Criação pelo Senac (Senac/RJ). Pós-graduado em Gestão Responsável para a Sustentabilidade pela Fundação Dom Cabral (FDC/MG). Bacharel em Comunicação Social - habilitação em Jornalismo pela Universidade da Amazônia (Unama). E-mail: willmontengro@hotmail.com

[3]Doutorando em Comunicação, Linguagens e Cultura pela Universidade da Amazônia (Unama). Mestre em Comunicação, Linguagem e Cultura pela Unama. Especialista em Ecoturismo e em Docência e Metodologia de Pesquisa em Turismo pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Graduado em Administração pela Unama; em Pedagogia pela Universidade do Estado do Pará (Uepa); e em Turismo pela UFPA. E-mail: fasantabrigida@hotmail.com.

[4]Doutora em Desenvolvimento Socioambiental pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido (PDTU/Naea) da UFPA. Mestre em Planejamento do Desenvolvimento do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido (PDTU/Naea) da UFPA. Especialista em Planejamento de Marketing pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM - São Paulo); e em Desenvolvimento de Áreas Amazônicas e em Gestão Pública pelo Núcleo de Altos Estudos da Amazônia da UFPA. É professora titular do Curso de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Unama. E-mail: neusapressler@hotmail.com

Percursos da navegação: Belém continental e insular

Imagem 1 - Visão da parte continental de Belém a partir do igarapé do Combu

Fonte: TEIXEIRA, 2017.

A Imagem 1 que abre este artigo é um recorte da Amazônia, especificamente do igarapé do Combu, mesmo nome da ilha da parte insular de Belém, capital do estado do Pará, região Norte do Brasil.

A Amazônia é caracterizada por dois tipos principais de ecossistema (SCHERER, 2005). O primeiro tipo é as terras de várzeas, regiões baixas em beiras de rios. E o segundo tipo é a terra firme, área relativamente alta não sujeita às inundações sazonais.

O município de Belém é um exemplo deste tipo de ecossistema e composto por terra de várzea e por terra firme. A cidade está situada na área interna do estuário[5] do rio Amazonas. Belém possui o principal centro urbano da zona de transição da Amazônia Oriental, Central e Ocidental. O território está dividido em duas áreas: um continental e outra insular. Na zona insular, a capital paraense possui em sua circunscrição estadual

[5]Os estuários são regiões (rios, braços, furos, entre outros) nas quais podem ser localizadas tanto água doce como água salgada, de dependendo da maré e da época do ano.

39 ilhas, além de outras ilhas ao entorno de Belém que estão sob administração de outros municípios paraenses. A forma de acesso às ilhas é fluvial, por meio de embarcações que saem diariamente dos diversos portos de Belém e representam a zona rural da cidade (TELES; MATHIS, 2008).

Os habitantes da zona insular são identificados como populações tradicionais ou ainda de povos ou comunidade tradicionais, conforme o Decreto nº. 6.040/2007[6], no qual são considerados grupos culturalmente diferenciados, que ocupam de forma própria o espaço, possuem formas próprias de organização social e utilizam os recursos naturais para a sua reprodução como um todo.

De acordo com Almeida (2007, p. 48), "a ocupação da terra e os seus diferentes usos pelos povos tradicionais da Amazônia abrangeram muitas categorias de população: índios, seringueiros, ribeirinhos, castanheiros, entre outras". Isso demonstra a amplitude conceitual desses povos que Arruda (1999) acrescenta o caráter da subsistência, a fraca articulação com o mercado, o uso da mão de obra familiar, a tecnologia de baixo impacto e a base sustentável como caracterizadores das populações tradicionais.

Os grupos humanos habitantes das ilhas ao entorno de Belém são ribeirinhos, também conhecidos como Povos das Águas. Eles se diferem de outros povos de terra firme, pois vivem em comunidades, à beira de rios, igarapés e igapós e em casas – a sua maioria – de palafitas[7] para enfrentar as inundações. Os ribeirinhos necessitam da terra para o trabalho de colheita na ilha, assim como depende da água também para o trabalho a fim de estabelecerem pequenas transações comerciais com a região continental (SCHERER, 2005).

Teles e Mathis (2008) afirmam que esses grupos humanos integram a categoria da produção rural familiar, o que direciona possibilidades relacionadas às gerações de emprego e renda. Apesar do estudo de Teles e Mathis (2008) ser na ilha do Combu, esta pesquisa considera que as demais ilhas também possuem a configuração da produção rural familiar, a partir do que Cunha e Almeida (2001) apresentam como comum entre eles.

[6]O Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007, instituiu a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais.

[7] Casa construída em madeira e suspensa da terra firme para enfrentar as inundações dos sistemas de cheias dos rios. Tipo de moradia peculiar na Amazônia em função das áreas alagadas.

> "O que todos esses grupos possuem em comum é o fato de que tiveram pelo menos em parte uma história de baixo impacto ambiental e de que têm no presente interesses em manter ou em recuperar o controle sobre o território que exploram. Mas acima de tudo, estão dispostos a uma negociação: em troca do controle sobre o território, comprometem-se a prestar serviços ambientais" (CUNHA; ALMEIDA, 2001, p.3).

As relações estabelecidas pelos ribeirinhos com o centro urbano e as troca de controle pelo território podem ser também estendidas e compreendidas por meio do viés das interações comunicacionais existentes entre eles e centros urbanos. As Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação, por exemplo, estão cada vez mais presentes no cotidiano, e hoje está acessível em vários níveis da sociedade, alterando consideravelmente aspectos culturais, econômicos, políticos, as relações sociais e a educação.

A informação, nos dias atuais, assume uma importância cada vez maior, se fazendo necessária para qualquer aspecto da atividade humana, ocasionando transformações de todas as proporções.

Imagem 2 - Televisão e antena na casa ribeirinha

Fonte: TEIXEIRA, 2017.

A Imagem 2 reflete o que a cada instante, conceituações e tendências novas surpreendem em uma velocidade, quase instantânea, que modifica a vida dos seres humanos, e a tecnologia, presente há muito tempo na vida do homem, vem contribuindo para essas mudanças, seja inovando, facilitando ou enclausurando e estabelecendo novos padrões de vida e de comportamento.

O corpus deste artigo está centrado presença diária midiática entre os ribeirinhos do Combu, ilha distante a 1,5 km de parte continental de Belém, com base nas relações sociais e comunicacionais estabelecidas entre a parte continental e insular da capital paraense e na reflexão da concepção de cidade. O acesso às ilhas se dá somente por meio fluvial. A ilha do Combu pertence a Belém e está localizada na margem esquerda do rio Guamá. Possui uma área de aproximadamente 15 km² e 985 habitantes[8]. Em 1997, foi transformada em Área de Preservação Ambiental (Apa) Combu[9].

O destaque para as mídias eletrônicas e digitais se dá em função da presença e da utilização da televisão, celular e internet. O trabalho foi desenvolvido pela organização do conhecimento, no qual houve uma combinação de uma abordagem antropológica. No primeiro momento, foram realizadas as seguintes etapas de coleta: pesquisa da literatura e registros fotográficos da utilização dos meios.

A pesquisa bibliográfica deu conta da fundamentação teórica necessária ao trabalho e as explicações das categorias adotadas com o uso de material disponível ao público, tais como livros, tese, dissertações e artigos. Assim embasamento teórico versa sobre temas como Amazônia e populações tradicionais (ALEMIDA, 2007; SCHERER, 2005; ARRUDA, 1999; TELES e MATHIS, 2008; CUNHA e ALMEIDA, 2004) e mídia, cultura e convergência (LEMOS, 2013; SANTAELLA, 2004, 2005, 2013; JENKINS, 2009).

No segundo momento, foi realizada a etapa da interpretação dos dados a partir da análise temática das fotografias dos registros realizados em pesquisa empírica e exploratória.

Pela navegação da comunicação

A comunicação passou por uma considerável mudança nos últimos anos, devido às atuais transformações tecnológicas que deram origem em sistemas de informações

[8]De acordo com o estudo do Projeto Zoneamento Econômico e Ambiental nas Ilhas do entorno de Belém realizado pela Universidade Federal do Pará (UFPA), publicado em 2015.
[9]Lei Estadual Nº 6.083, de 13 de novembro de 1997.

interconectados, podendo a informação circular de forma intensa por diferentes canais, sistemas midiáticos e administrativos, criando-se assim, um fluxo intenso, devido à participação dos consumidores.

Segundo Santaella (2004), a revolução, possibilitada pelas tecnologias digitais, tem seu principal ponto de partida na computação e na possibilidade de converter qualquer informação: via texto, som, imagem ou vídeo em uma linguagem universal. Os conteúdos são híbridos, pois há fusão de novas e velhas mídias, e do cruzamento de mídias alternativas e mídias de massa. Essas junções, assistidas por múltiplos suportes, reconfiguram a relação entre as tecnologias, indústria, mercados, gêneros e públicos, caracterizando a era da convergência midiática.

> Trânsito e ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídias, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. [...] No mundo da convergência das mídias, toda história importante é contada, toda marca é vendida e todo consumidor é cortejado por múltiplas plataformas de mídia. (JENKINS, 2009, p. 29).

Nos anos de 1990, os discursos sobre a revolução digital continham uma suposição de que os novos meios de comunicação eliminariam os antigos e que "a internet substituiria a radiodifusão e que tudo isso permitiria aos consumidores acessar mais facilmente o conteúdo que mais lhes interessasse" (JENKINS, 2009, p. 32).

A convergência é um importante ponto de referência, à medida que velhas e novas empresas tentam imaginar o futuro da indústria de entretenimento. Se o paradigma da revolução digital presumia que as novas mídias substituiriam as antigas, o emergente paradigma da convergência presume que novas e antigas mídias irão interagir de formas cada vez mais complexas. A convergência das mídias não é somente uma mudança tecnológica, daí sua complexidade. Altera a lógica pela qual a indústria midiática opera e pela qual os consumidores processam a notícia e o entretenimento.

Jenkins (2009) argumenta com outros dois conceitos para reafirmar a cultura emergente da convergência: inteligência coletiva e cultura participativa. A inteligência coletiva refere-se à nova forma de consumo, que organiza um processo conjunto de decisões e pode ser considerada uma nova fonte de poder.

A cultura participativa, por sua vez, serve para caracterizar o comportamento do consumidor midiático contemporâneo, cada vez mais distante da condição receptor passivo. Está intimamente ligada com a ideia de inteligência coletiva, visto que se

juntar, escolher rumos e participar estabelecem relações em todos os aspectos da vida humana.

Imagem 3 - O celular nas mãos do ribeirinho durante a travessia

Fonte: TEIXEIRA, 2017.

A Imagem 3 reflete como a comunicação e a forma de se comunicar passaram por transformações. Essa mudança também transformou a forma de ler. Aqui entende-se por leitura não somente o hábito ligado à literatura, ao fato de abrir o livro, mas à produção de sentidos, às compreensões e ainda ao consumo informacional de conteúdo, que se estende à mídia. À medida que ocorriam as revoluções na comunicação, o leitor adaptava-se à nova realidade, realizando novos processos cognitivos de leitura e performances para continuar a entender e comunicar-se com o mundo.

A partir desta perspectiva, apesar do ribeirinho ter dificuldades de acesso, ter um modo de produção e organizacional específico e das limitações de condições de energia elétrica, ele não está distante deste cenário, quando é possível perceber a presença e interação as mídias, como televisão, rádio e celular. São poucos minutos entre a parte continental e a ilha, no entanto, a água separa espaços de dinâmicas com diversos e diferentes processos desenvolvidos em cada um deles.

Devido à adaptação do leitor às transformações ocorridas na forma de se comunicar, Santaella (2013) reafirma a necessidade de compreender o novo tipo de leitor, que emergiu com as redes de comunicação planetárias. Ela sistematizou a multiplicidade dos leitores, em três grandes tipos, que são: o leitor contemplativo, o leitor movente e o leitor imersivo.

Segundo Santaella (2013, p. 268), "o leitor contemplativo é o leitor meditativo da idade pré-industrial, da era do livro impresso e da imagem expositiva, fixa". Esse leitor nasceu no Renascimento e perdurou até meados do século XIX. A relação de cognição é essencialmente contemplativa e concentrada, estabelecendo uma ligação com o objeto – livro – durável, fixo e imutável –, passível de ser revisitado e ressignificado.

O leitor movente é fruto da revolução industrial e do aparecimento dos grandes centros urbanos, na aceleração capitalista. Esse leitor surge sob o efeito da velocidade, do transitório, do excessivo e da instabilidade que fragmentava o entendimento das relações humanas. "O leitor movente preparou a sensibilidade perceptiva humana para o surgimento do leitor imersivo" (SANTAELLA, 2013, p. 271). É aquele que brotou nos novos espaços das redes computadorizadas de informação e comunicação.

O processo de cognição para apreensão da leitura nesse tipo de leitor inaugura um modo inteiramente novo de ler que implica habilidades muito distintas daquelas que são empregadas pelo leitor de um texto impresso que segue sequências de um texto escrito, virando páginas, manuseando volumes e o leitor de imagens ou espectador de cinema, televisão. É um leitor imersivo, porque navega em telas e programas de leituras, num universo de signos evanescentes e eternamente disponíveis.

Com o desenvolvimento tecnológico e a evolução da internet, os computadores deixaram de ser equipamentos de arquivamento de dados pessoais e conectaram-se a uma rede infinita de possibilidades.

> novas práticas e usos da informática surgem, como vimos, com essa mudança de paradigma. A internet fixa mostrou o potencial agregador das tecnologias de comunicação. Agora a internet móvel está aproximando o homem do desejo de ubiquidade fazendo emergir uma nova cultura telemática, com novas formas de consumo de informação e com novas práticas de sociabilidade. (LEMOS, 2005, p. 16).

Com tantas e rápidas mudanças, devido ao avanço tecnológico, como afirma Santaella (2013), surgiu um quarto tipo de leitor, denominado de “leitor ubíquo”. O perfil cognitivo desse novo tipo de leitor herda, em tempos de convergência, as

características tanto do leitor movente, quanto do imersivo. O leitor ubíquo está situado em um espaço e em um tempo propícios a ocorrer essa fusão - de mobilidade física, aliada a mobilidade virtual das redes, que se entrelaçam, interconectam, mudando até mesmo a forma de coexistirem.

Pode-se dizer que seria um tipo de mutação cognitiva à adaptação, que a mente humana faz, enquanto percurso, para adaptar-se aos novos tempos, mas é evidente que um tipo de leitor não leva ao desaparecimento do outro, e que cada um adiciona habilidades específicas, sendo contraditório pensar em substituição. É era das redes e da convergência (LEMOS, 2013).

O homem não está aparte do processo de transformação, pelo contrário, ele é o foco da mudança. É um novo "desafio que apenas estamos começando a vislumbrar" (SANTAELLA, 2005, p. 278), que essas mudanças estão trazendo para os processos educacionais.

A cultura contemporânea ligada às tecnologias digitais vem ocasionando uma nova forma de relação entre as técnicas e a vida social, que com certeza trará muitas vantagens, evolução, crescimento e a prática da autoformação, mas também trará "efeitos nefastos" (LEMOS, 2013, p.16) em sua interface com a cultura, com a própria vida social e com a política.

Pela navegação da cidade comunicacional

A cidade é um espaço de comunicação, cultura e linguagens. Nesse espaço, no caso Belém com a sua parte continental e insular, existe a conexão de fluxos informacionais e trocas comerciais. De acordo com Oliveira (2010), a noção de lugar se desterritorializa e alcança os limites geográficos dos países, em especial aos indivíduos, de formas e em proporções distintas.

As modificações da comunicação no espaço urbano permitem observar de como um local pode ser tomado novas experiências espaço-temporais. A cidade de Belém é reflexo deste processo, no qual as interações comunicacionais com as mídias se dá de forma diferenciadas entre as partes continental e insular, no caso entre os ribeirinhos.

Oliveira lembra que o sujeito urbano - habitante das grandes cidades - parece desaparecer nas diferentes manifestações comunicativas que simulam a ideia de pertencimento ao mundo. Portanto, a cidade está ligada, na maioria do tempo, ao campo das informações midiáticas. A partir desta perspectiva, é necessário ampliar a

concepção de sujeito urbano de Belém, já que é uma grande cidade formada pela parte continental e insular. No entanto, o ribeirinho habitante das ilhas também está neste contexto das manifestações comunicativas, quando dispõe dos usos das mídias a fim de estabelecer uma prática comunicacional e até mesmo de interação como o espaço no qual se relaciona, conforme Imagem 4:

Imagem 4 - O uso da maquina de cartão via internet

Fonte: TEIXEIRA, 2017.

As atividades diárias e os deslocamentos espaço-temporais são tomados pelos meios tecnológicos de comunicação. Featherstone (1995, p. 143) assinala que:

> A intensificação da compressão global, temporal-espacial, através dos processos universalizantes das novas tecnologias da comunicação, o poder dos fluxos de informação, das finanças e das mercadorias, significa que as culturas locais inevitavelmente cedem. Nossa experiência e os meios de orientação tornam-se necessariamente divorciados das locações físicas em que vivemos e trabalhamos.

Os ribeirinhos são considerados agentes a partir da concepção de Bourdieu (1989) dentro de um campo, no caso as ilhas. O sujeito tem acesso ao mundo, no sentido global, com base na noção de espaço, que vai se distanciando da realidade. As experiências globais ganham amplitude por meio de ferramentas compartilhadas em

espaços, que não existem fisicamente, tais como, internet, televisão, transmissões via satélite, entre outros aparatos da globalidade que fazem perder o senso de pertencimento a um local.

O processo de globalização, segundo o autor, não é uma experiência unitária e total. Na avaliação dele, o processo globalizante gera estruturas fragmentadas, o que é chamado de "espaços sem lugar", em que os sujeitos urbanos têm o sentimento de que não pertencem a uma localidade delimitada, o que pode ser percebida na relação de interação comunicacional estabelecida entre os ribeirinhos e as mídias. Logo, experimentando diferentes configurações temporais simultaneamente, denominadas de "culturas desterritorializadas". Esses aspectos são característicos da pós-modernidade, que também Harvey (1992, p. 239) afirma ser:

> A certeza do espaço e do lugar absolutos foi substituída pelas inseguranças de um espaço relativo em mudança, em que eventos de um lugar podiam ter efeitos imediatos e ramificadores sobre vários outros.

A eliminação de fronteiras é reflexão da fragmentação do espaço urbano, onde o intercâmbio de capital e bens simbólicos são factuais, "[...] existe num contexto com tecnologias de comunicação e de transporte capazes de lidar com a interação social no espaço de maneira bastante diferenciada." (HARVEY, 1992, p. 77).

Oliveira (2010) ressalta que além de uma veloz modificação do espaço, uma constante sobreposição de formas passadas, as quais são "coladas" umas às outras, coexistindo vários tempos em um mesmo espaço. A autora avalia que a pós-modernidade não lida apenas, como também na modernidade, com a aniquilação do tempo e com a ausência do espaço, mas também com convergências temporais e espaciais nas experiências dos habitantes.

As experiências de habitação do espaço urbano, desde o período do pós-guerra, passam pelos agentes comunicacionais. De acordo com Caclini (1997), o espaço urbano se apropria de características múltiplas, provenientes do intercâmbio e hibridismo culturais e das políticas neo-liberais, de globalização, que destinaram a América Latina à distribuição desigual de material simbólico.

Feathertone (1995) assinala que a busca por coesão é uma forma de identificação temporária das pessoas em um mundo da sociabilidade em fluxo incessante. As cidades se configuram como um cenário propício para um sentido de falso lar, de elos efêmeros e imediatos, e, portanto, cultiva experiências fragmentadas de habitar o espaço.

O sentimento de lar, a experiência do habitar na sociedade pós-moderna, distancia-se do pressuposto de local, mas também não encontra no global a sua expressão mais evidente. Alcançar o lugar generalizado parece ser um projeto incompleto para as cidades do mundo.

Na América Latina, segundo Canclini (1998), o delicado enraizamento na própria história dificulta o entendimento de como a modernidade é vista, até por uma deliberada opção do predomínio da cultura escrita sobre a visual. Portanto, o autor afirma que "não chegamos a uma modernidade, mas a vários processos desiguais e combinados de modernização." (CANCLINI, 1998, p. 154). Com isso, ele explica a construção de uma cultura híbrida presente nas sociedades latino-americanas. A expansão urbana é uma das causas que intensificaram a hibridação cultural, em que a cidade e meio rural se articulam pela mídia.

A hibridez, conforme aponta Canclini, tem um longo trajeto nas culturas latino-americanas, já que os projetos de independência e desenvolvimento nacionais buscaram compatibilizar o modernismo cultural com a semimodernização econômica, e ambos com as tradições persistentes.

Para Canclini (1998, p. 330), compreender a modernidade pressupõe observar, ao mesmo tempo, as formas de entrada e saída que ocorrem nela. Vê-la com uma condição que nos envolve. Compreender como se reestruturam os agentes sociais que participam tanto do campo culto ou popular quanto do massivo e como isso abranda as fronteiras entre seus praticantes e seus estilos.

Considerações finais

A cidade de Belém composta por suas partes continental e insular é marcada pela presença tecnológica e, sobretudo, midiática, principalmente pela acelerada cibercultura, no qual é possível observar a interação comunicacional presente na ilha do Combu por meio de televisão, rádio, celular, antenas e celular.

Este contexto é propício para a mediação de um espaço público virtual da telecomunicação e da telepresença de um coletivo anônimo que apresenta um espaço público global/local sem limites geográficos ou sociais rígidos, mas fluído e flexível.

A desarmonia entre a Belém urbana e a ilha estaria na mesma proporção do processo de produção e de recepção, que se acentua com a aceleração tecnológica. A interação comunicativa ocorre no contraste. A linguagem na comunicação está

submetida ao entrecruzamento e a troca de sentido. Fausto Neto (2010) afirma que na base do processo comunicacional sempre existirá a presença e a influência mútua da produção e da recepção. De acordo com ele, a interação desses campos haverá interseções ou zonas de interpenetração, assimetrias, conflitos e desigualdades.

Apesar de próxima do centro urbano de Belém, a ilhas ao entorno se constitui como espaço de características rurais, a partir de uma produção familiar. São territórios nos quais se desenvolvem práticas específicas em consequência da ocupação e do uso da terra.

A ilha ao entorno de Belém está conectada, no sentido tecnológico, por ter acesso à internet e tem o rio como um elemento que condiciona a população tradicional como ribeirinha. O contato do rural com o centro urbano de Belém é outro fator que merece ser destacado, já que o ir e vir de pessoas entre a cidade e a ilhas são frequentes, além do acesso às mídias eletrônicas e digitais ser um elemento presente e constante na vida contemporânea, no qual a mídia vai ser um elemento trivial na sociedade, fazendo com que se tenha cada vez mais evidentes processos comunicacionais, haja vista que as dinâmicas sociais, culturais, políticas, econômicas e ambientais são próprias das ilhas.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, M. Quem são os povos da floresta?. Cadernos SBPC 30. **Povos da Floresta:** Cobertura jornalística feita a partir de conferências e mesas-redondas apresentadas na 59 Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). 2007.

APOLLINARIO, F. **Metodologia da Ciência:** filosofia e prática da pesquisa. 2 ed. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

ARRUDA, R. "Populações Tradicionais" e a proteção de recursos naturais em Unidades de Conservação. In: **Ambiente & Sociedade**, ano II, n 5, 1999.

BOURDIEU, P. Sobre o poder simbólico. In: **O Poder Simbólico**. Lisboa/Rio de Janeiro, Difel/ Bertrand Russel, p. 7-16, 1989.

CANCLINI, N. G. **Imaginarias urbanos**. Buenos Aires: Eudeba, 1997.

_____. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. Trad. Heloísa P. Cintrão e Ana Regina Lessa. 2.ed. São Paulo: Edusp, 1998.

CUNHA, M. da.; ALMEIDA, M. W. B. populações tradicionais e conservação ambiental. In: CAPOBIANCO, J. P. R. et al. **Biodiversidade na Amazônia brasileira: avaliação e ações prioritárias para a conservação, uso sustentável e repartição de benefícios**. São Paulo, Estação Liberdade: Instituto Socioambiental, 2001.

DUARTE, J.; BARROS, A. (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** São Paulo: Atlas, 2005.

FAUSTO NETO, A. **Olhares sobre a recepção através das bordas de circulação**...GT Recepção: processos de interpretação, usos e consumo midiático. XVIII Encontro da Compós em Belo Horizonte/MG, 2009.
_____. **Bordas de circulação**... Revista Alceu, v. 10, n. 20, p.55-69. Jan/jun de 2010.

FEATHERSTONE, M. **O desmanche da cultura**: globalização, pós-modernismo e identidade. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FERRARA. L. D`A. **Leitura sem palavras**. São Paulo: 5. ed. Ática, 2007.
_____. **Comunicação, espaço e cultura**. São Paulo: Ed. Annablume, 2008.

HARVEY, D. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.

JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. 2ª ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LEMOS, A. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**, 6ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2013.
_____. **Cibercultura e Mobilidade: a Era da Conexão.** XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação 5 a 9 de setembro de 2005. Disponível em http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1465-1.pdf. Acesso em 20 de junho de 2014.

OLIVEIRA, A. P. **Turismo e desenvolvimento**: planejamento e organização. Florianópolis: Terceiro Milênio, 2010.

PARÁ. Universidade Federal do Pará. **Projeto Zoneamento Econômico e Ambiental nas Ilhas do entorno de Belém**. Belém-PA, 2015.

SANTAELLA, L. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2005.
_____. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias a Cibercultura**. 2ª Ed. São Paulo: Paulus, 2004.
_____. **Comunicação ubíqua. Repercussões na cultura e na educação**. São Paulo: Paulus, 2013. (Coleção Comunicação).

SCHERER, E. **Modos de vida ribeirinha na Amazônia.** GT11 – A – Mundo Rural na Sociedade Brasileira: Território, Atores e Projetos. XII Congresso Brasileiro de Sociologia, 2005. Disponível em: http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=643&Itemid=170. Acesso: 20 out. 2016.

TEIXEIRA, W. M. **Visão da parte continental de Belém a partir do igarapé do Combu.** Belém, 2017. 1 fotografia digital.
_____. **Televisão e antena na casa ribeirinha.** Belém, 2017. 1 fotografia digital.
_____. **O celular nas mãos do ribeirinho durante a travessia.** Belém, 2017. 1 fotografia digital.
_____. **O uso da maquina de cartão via internet.** Belém, 2017. 1 fotografia digital.

TELES, E.; MATHIS, A. **Dinâmicas Sócio-Espaciais: Estratégias de sobrevivência em comunidades Ribeirinhas no Estuário Amazônico**. IV Encontro Nacional da Anppas em Brasília, 2008. Disponível em: http://www.anppas.org.br/encontro4/cd/ARQUIVOS/GT7-310-867-20080510222553.pdf. Acesso em: 1 Nov. 2016.